

XX Congresso da ANPPOM (Florianópolis, 2010)

Mesa-redonda: A pesquisa em educação musical: situação atual e perspectivas para o futuro

### **Relevância da atividade de pesquisa na formação de professores de música**

José Alberto Salgado e Silva (Escola de Música-UFRJ)

#### *Introdução*

Na preparação para este encontro, busquei levantamentos e reflexões sobre a atividade de pesquisa em educação musical, publicados na revista *Opus* e na *Revista da ABEM*, que agora felizmente estão disponíveis na íntegra, pela internet. (Entre os textos, destaco: ULHÔA, 1997; OLIVEIRA & SOUZA, 1997; FERNANDES, 2000; 2006; 2007; SANTOS, 2003; BELLOCHIO, 2003; SOUZA, 2003; DEL BEN, 2007).

Nesta apresentação, escolhi examinar relações entre pesquisar e tornar-se professor de música. Olho para o tema como professor universitário que atua na graduação e na pós-graduação e se interessa pela pesquisa em música de acordo com uma concepção específica: pesquisa como a mobilização de um conjunto de ações e pensamento para conhecer práticas musicais, focalizando técnicas, valores e transações entre os sujeitos envolvidos: o que e como aprendem e ensinam, como apreciam e realizam certas organizações do som.

Esta concepção é comum a pesquisas qualitativas em geral, e mais especificamente se identifica com a linha chamada (na UFRJ) de “etnografia das práticas musicais”, onde se podem incluir também as práticas de ensino e aprendizagem de música. E acredito que esse tipo de investigação construa parte de uma base válida para se examinar qualquer atividade educacional com “música”, sendo claro que essa “base” é construída também por conhecimento histórico dos temas e problemas da educação e pela prática de questionamento filosófico.

Procuro considerar igualmente as condições concretas do trabalho com pesquisa, e constantemente observo as rotinas do trabalho universitário. Aqui, vou fazer uma reflexão rápida sobre condições atuais de pesquisa em nossa área, e arrisco relacioná-las com condições mais gerais de vida social contemporânea e brasileira. Em seguida, trato

especificamente de possibilidades e problemas de pesquisa durante os cursos de graduação, por acreditar que dessa experiência dependerão as qualidades encontradas ou ausentes tanto em pesquisas de pós-graduação como no trabalho de professor de música.

### *Considerações contextuais: reconhecendo dificuldades*

Um problema concreto da pesquisa em educação musical é sua localização quase exclusiva e sua associação quase automática com o projeto pessoal de pós-graduação. Sabemos que esse projeto motiva um crescimento profissional, mas como os padrões ideológicos e culturais dominantes tendem a apresentar esse crescimento como uma questão de esforço individual, e como a estrutura de pós-graduação se organiza em torno de certificações individuais, a atividade de pesquisador pode cessar ou ser muito reduzida assim que essa certificação de especialista, mestre ou doutor é alcançada. Nesses casos, “pesquisar” não chega a se constituir como disposição incorporada ou como ação multiplicadora. E nesse sentido, “pesquisa” é vista em primeiro lugar como instrumento para melhorar o salário ou as oportunidades de emprego (o que não difere das visões mais comuns sobre a formação universitária de modo geral).

Embora os objetivos econômicos pessoais sejam legítimos, a qualidade do conhecimento produzido depende também de outros objetivos, sintetizados na citação de Paulo Freire, que Claudia Bellochio escolheu para começar uma exposição:

“Pesquisa para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (Freire *apud* BELLOCHIO, 2003)

Na citação aparecem dimensões do verbo “pesquisar” ao mesmo tempo filosóficas e políticas: as idéias de intervenção informada e de educação recíproca; de pesquisar para aprender, e de lidar com o conhecimento publicamente. No dia-a-dia da universidade, é possível perceber que essas idéias convivem e entram em conflito com dificuldades de colaboração e de trocas públicas de conhecimento, dificuldades sobre as quais Jusamara Souza escreve:

“Certamente não é fácil trabalhar em pequenos grupos. Trabalhar em equipe continua sendo um desafio para a área no Brasil. (...) Por isso insistimos em debates interativos e provocadores, pois trabalhar em minilatifúndios, onde cada um está preocupado com o seu próprio interesse, tem nos trazido poucas contribuições para uma área que está se consolidando em termos de pesquisa científica.” (SOUZA, 2003, p. 8)

De fato, sentimos *entre colegas e entre alunos* uma tendência predominante em procurar soluções individuais para os problemas. Digamos que essa tendência é pouco analisada, e que corresponde a um estado de coisas mais amplo na vida social. Criar e sustentar condições para colaborações, em face de um liberalismo hegemônico, é hoje uma tarefa educativa e auto-educativa, uma tarefa política na profissão de professor<sup>1</sup>.

Os ideais de pesquisa, de comunicação e de colaboração levam a questões práticas: como promover condições de pesquisa e de colaborações? Raciocino que deixar a atividade de pesquisa principalmente ou quase exclusivamente atrelada à pós-graduação é um descuido que compromete tanto a qualidade do trabalho dos professores licenciados como a qualidade da produção dos próprios programas de pós-graduação. Já se a disposição investigativa, a atenção sobre método, sobre teoria, e sobre as transações de conhecimento são ativadas desde antes, há mais chances de que “pesquisar” seja sentido como algo constituinte da profissão de professor de música, em qualquer nível ou espaço.

Cabe então usar uma conhecida expressão da política – o “trabalho de base” – para pensarmos em construções possíveis desde a graduação.

### *Pesquisa durante a graduação: enfatizando possibilidades*

Os cursos de graduação, e mais especificamente o curso de licenciatura por seu vínculo direto com o campo da educação musical – mas sem ignorar a potencialidade da pesquisa durante os cursos de bacharelado –, pode ser entendido como um tempo para, entre outros objetivos, se formarem as bases de uma disposição investigativa. Para isso, existem hoje algumas condições de trabalho favoráveis.

---

<sup>1</sup>A importância “de *realizar a crítica* e também *a ação* necessárias à instalação de uma nova cultura escolar e acadêmica, de *lidar com processos colaborativos* e de decisão coletiva” (SANTOS, 2003, p. 69, grifos da autora) também foi enfatizada por Regina Márcia Simão Santos.

O acesso à literatura para pesquisas está notavelmente facilitado pelo uso da rede mundial de computadores. Por exemplo, comecei mencionando o acesso à íntegra dos artigos publicados nas revistas *Opus* e da ABEM. Este acesso tornou possível que eu examinasse uma parte das reflexões e dos levantamentos feitos por colegas sobre pesquisas em educação musical no Brasil. Pode-se estudar uma prática musical – como o improviso no jazz; ou uma prática de aprendizagem de Harmonia – coletando dados audio-visuais e trocas de mensagens, na rede. Portanto, hoje o problema não é tanto o *acesso* às fontes e aos dados de pesquisa (problema que afligiu gerações de pesquisadores brasileiros).

Além disso, a rede facilita a comunicação entre professores e estudantes durante o curso, no tempo extra-classe; as listas eletrônicas fazem circular materiais produzidos pelos estudantes e pelo professor, anunciam atividades extra-curriculares de interesse, apontam conexões para materiais que ampliam o que foi visto em aula.

Uma segunda consideração prática é quanto às situações para a escrita, que forma com a leitura um eixo fundamental de procedimentos de pesquisa. Em nossa área, esse eixo leitura-escrita é atravessado ainda pelas atividades de apreciação, que hoje estão potencialmente ampliadas: podem ser presenciais e também podem acontecer por meio dos vídeos de música, de palestras e documentários a que hoje temos acesso pela rede. Escrever sobre música, em diversas modalidades de narrativa, tem gerado material para análise e discussão em disciplinas da área de etnomusicologia, que o colega Samuel Araújo e eu lecionamos, na EM-UFRJ. A descrição detalhada de práticas musicais em que os alunos se engajam fora da universidade, por exemplo, é uma atividade com rudimentos importantes de pesquisa, reflexão e análise. Nessa direção, as histórias de vida, a memória social, a observação e a participação – têm se revelado para os estudantes como vertentes de construção de conhecimento que eles podem continuar percorrendo com certa autonomia.

Quero enfatizar num quadro algumas situações vinculadas à graduação que parecem estar abertas à atividade de pesquisa, neste sentido introdutório e formador:

Iniciação Científica  
Iniciação Artística e Cultural  
Extensão  
Monografia (TCC)  
Disciplinas e práticas curriculares  
(Outras situações?)

**Quadro:** *Situações para a prática de investigação na graduação*

*Algumas observações:*

A Extensão, embora frequentemente concebida como serviço de transmissão de saberes universitários ou assistência social, também pode mediar construções de conhecimento junto à comunidade em que se insere, com formas de pesquisa como a pesquisa-ação ou a “pesquisa participativa”.

É certo que a prática de pesquisa durante a graduação não está livre de obstáculos, alguns deles incorporados nas crenças de docentes e discentes. Parece claro que, no campo da música, lógicas divergentes de ensino e aprendizagem estão em disputa, enfatizando a reprodução ou a criação. Mas esse dualismo perde força quando se considera de perto tanto a prática musical quanto a prática de pesquisa: pode-se pensar “composição”, por exemplo, como um diálogo entre uma invenção no presente e convenções e conhecimentos antecedentes; assim como se pode pensar “pesquisa” como uma produção atual de descrição, análise e interpretação em diálogo com produções antecedentes de conhecimento. Em fórmula sumária, seria possível dizer: aprende-se música e faz-se pesquisa em parte imitando, e em parte ousando novas proposições.

*Ver e ouvir o outro – etnografia, crítica e auto-crítica*

Para Jusamara Souza, a pesquisa é uma atividade formadora, um exercício prático que estende a habilidade do professor para ver, ouvir e agir:

“Esse ‘ver’ e ‘ouvir’, instrumentalizado com teorias, estudos, olhares de outras pessoas sobre o objeto, permite que os professores possam diagnosticar a situação pedagógico-musical na qual atuam e fazer uma reflexão metodológica mais consciente”. (SOUZA, 2003, p. 8)

Ou seja, tudo aquilo que se faz para “conhecer a realidade”, como fase inicial do planejamento de ensino (FERNANDES, 2001), teria início com as habilidades de pesquisa desenvolvidas desde a graduação.

Para os licenciandos, o trabalho de “estágio supervisionado” é outra situação curricular que propicia o desenvolvimento de um olhar atento sobre as práticas de ensino em salas de aula e outros espaços, inclusive algumas práticas que são familiares para nós: ali se tem ocasião de examinar o habitual. Esse olhar atento se traduz em anotações sobre as aulas e depois em relatórios escritos: a estagiária analisa um processo de ensino e interpreta nos acontecimentos certos indicadores de premissas pedagógicas, concepções sobre o que é “música”, padrões de avaliação etc.

Ora, essa análise das práticas mediante uma escuta e um olhar atentos, com indagação sobre o que está semi-oculto naquilo que é feito, naquilo que é dito – são atitudes centrais em pesquisas qualitativas/interpretativas/etnográficas. Com a experiência dessas abordagens, mesmo a prática de anotar diários de classe pode ser revitalizada para o futuro professor-pesquisador. (Aliás, seria interessante pesquisar como é que os professores de música hoje estão planejando e relatando por escrito seu trabalho).

As pesquisas em educação musical têm mostrado nos últimos anos um índice crescente de aproximação com as abordagens da etnomusicologia. Para citar apenas quatro, penso em pesquisas marcantes de Margarete Arroyo (tese de doutorado, UFRGS), Luciana Prass (tese de doutorado, UFRGS), Luís Fernando Navarro da Costa (dissertação de mestrado, UFPB) e Maria Goretti Fernandes (dissertação de mestrado, UFRJ) – pesquisas que observaram processos de aprendizagem musical incorporando as vozes de alunos e praticantes, e mostrando que nesses discursos existem teorizações capazes de *compor em parceria com o pesquisador acadêmico uma interpretação da prática*.

O contínuo entre educação musical e etnomusicologia pode ser visto, aliás, por analogia entre o diário de campo etnográfico e o diário de aulas do professor; entre o olhar que observa com curiosidade o que um estrangeiro ou desconhecido faz – e o olhar

que observa com curiosidade o que alunos e colegas fazem. Existe uma atitude comum entre o ouvido que escuta o discurso verbal do outro com atenção e respeito e o ouvido que escuta a música do outro com atenção e respeito. Ou seja, há interseções não só em termos de procedimentos e instrumentos heurísticos, mas também entre certas orientações éticas e políticas presentes hoje nos dois campos.

No título da mesa-redonda, a expressão “perspectivas para o futuro” faz pensar que é insensato arriscar previsões. Mas, pelo menos como perspectiva para o futuro bem próximo, algo que pode ser dito é que, de acordo com esses sinais, continuaremos a ter cada vez mais elementos de etnografia nos modos de pesquisar música e educação. Parece-me que a mais importante contribuição dessa forma acadêmica de investigação e de escrita seria a (con)vivência que caracteriza as ações e o pensamento de vários pesquisadores: um exercício de empatia, de compreensão da alteridade pela via das práticas sonoras, e de colaboração na aprendizagem e na produção de um conhecimento.

Isto pode vir a moderar a predominância do tom de recomendação e prescrição que caracteriza os escritos em educação, com um novo acento na descrição e na compreensão do que fazem as outras pessoas – sejam nossos alunos ou os participantes de uma prática musical qualquer. Moderar a autoridade do pesquisador-professor – com as interpretações de alunos e outros atores, numa espécie de co-autoria – é equivalente ao que se faz contemporaneamente em etnografia, relativizando na própria forma do texto a autoridade do etnógrafo como principal ou exclusivo conhecedor e intérprete do assunto pesquisado (v. CLIFFORD, 1998).

### *Concluindo*

Sugeri o papel formador de certas práticas de investigação, desde o curso de graduação, caso se tenha como um objetivo na universidade desenvolver disposições duradouras para a atividade de pesquisar, construindo não só as condições para mais e melhores pesquisas em pós-graduação como também formando quantidade grande e necessária de professores de música que saibam e queiram continuar pesquisando.

Essa familiaridade com os procedimentos de pesquisar desde a graduação permite ao mesmo tempo que se comece a elaborar uma crítica sobre as próprias atividades de pesquisa; sobre as diferentes modalidades de negociar conhecimento; sobre consequências para todos os sujeitos que entram em contato com determinada pesquisa. Isto porque a construção do conhecimento não é politicamente neutra, e por trás dos procedimentos formais de “pesquisa”, existe uma forma mais ou menos manifesta de visão de mundo, uma concepção de relações sociais – exatamente como acontece com os procedimentos de ensino e aprendizagem e com as práticas de música. Daí a nossa responsabilidade em pensar com rigor tanto o objeto de estudo, o método, os conceitos e a forma de apresentação – como o próprio modo de conduzir junto a outras pessoas um processo de pesquisa sobre música.

### *Referências bibliográficas*

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. Da produção da pesquisa em educação musical à sua apropriação. *Opus*, n.9, p.35-48, dez. 2003.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

DEL BEN, Luciana. Produção científica em educação musical e seus impactos nas políticas e práticas educacionais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 16, 57-64, mar. 2007.

FERNANDES, José Nunes. Pesquisa em educação musical: situação do campo nas dissertações e teses dos cursos de pósgraduação *stricto sensu* em educação. *Revista da Abem*, n. 5, p. 45-57, set. 2000.

\_\_\_\_\_. Pesquisa em educação musical: situação do campo nas dissertações e teses dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* brasileiros. *Revista da Abem*, n.15, p. 11-26, set. 2006.

\_\_\_\_\_. Pesquisa em educação musical: situação do campo nas dissertações e teses dos cursos de pósgraduação *stricto sensu* brasileiros (II). *Revista da ABEM*, n. 16, p. 95-111, mar. 2007.

OLIVEIRA, Alda & SOUZA, Jusamara. Pós-Graduação em Educação Musical (resultados preliminares). *Revista da ABEM*, n.4, ano 4, p.61-98, set. 1997.

SANTOS, Regina Marcia Simão. A produção de conhecimento em Educação Musical no Brasil: balanço e perspectivas. *Opus*, n.9, p. 49-72, dez. 2003.

SOUZA, Jusamara. Pesquisa e formação em educação musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 8, 7-10, mar. 2003.

ULHÔA, Martha (Org.) Dissertações de Mestrado defendidas nos cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Musica e Artes/Música até dezembro de 1996. *Opus*, v. 4, n. 4, p. 80-94, 1997.